Nativos digitais e liberdade: riscos e implicações sociais do uso das redes.

Autor(res)

Iloyane Tarcilia Cavalcante De Lima
Ana Amélia Camelo Berquo Zucatelli
Wanderson Damasceno Morais
Santhiago Paixão Freitas
Eidy Driely Fernandes Borges
Mariana Gomes De Oliveira
Heloisa Palma Dos Santos

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA DE MARABÁ

Introdução

O presente artigo é uma revisão bibliográfica que discute como o advento da web e, posteriormente, das redes sociais digitais, transformou os modos de interação humana, especialmente para a geração de nativos digitais (PRENSKY, 2001), também chamada de “geração ansiosa” (HAIDT, 2024). Entende- se como Nativos Digitais pessoas que nasceram e cresceram em um mundo dominado pela tecnologia digital. Essa geração cresceu em meio a dispositivos conectados, tornando a expressão pessoal, a conectividade e a visibilidade online elementos centrais de sua identidade social.

Nesse cenário, surge o conceito de liberdade nativa, que descreve a percepção de liberdade característica dessa geração: uma liberdade vivida quase exclusivamente em ambientes digitais, marcada pela possibilidade de escolher, criar e interagir sem barreiras físicas. Contudo, tal liberdade é paradoxal, pois depende de contingências invisíveis — algoritmos, regras de plataformas e reforçadores sociais — que limitam a autonomia e moldam o comportamento (SKINNER, 1974).

Assim, o discurso de liberdade frequentemente associado às redes é tensionado por evidências de que essas plataformas operam sob lógicas de reforçamento social e intermitente, capazes de gerar dependência e reduzir o bem-estar psicológico (ARAÚJO; SOUSA; COSTA, 2024). Este trabalho busca compreender como essas contingências afetam a noção de liberdade e a coesão social, além de propor estratégias de mitigação.

Objetivo

• Analisar de que forma as redes sociais influenciam a percepção de liberdade dos nativos digitais;

• Identificar os riscos psicológicos e sociais decorrentes do uso intensivo dessas plataformas;

• Apontar estratégias psicoeducativas que favoreçam o uso consciente e saudável das redes.

Material e Métodos

A pesquisa baseou-se em uma revisão bibliográfica narrativa, incluindo autores clássicos da Análise do Comportamento (SKINNER, 1974) e literatura recente sobre comportamento digital (PRENSKY, 2001; HAIDT, 2024; ALMEIDA, 2022). Foram analisados livros, artigos científicos e relatórios sobre redes sociais e saúde mental (ARAÚJO; SOUSA; COSTA, 2024; TWENGE, 2020; KROSS et al., 2013; PRIMACK et al., 2017).
O método adotado foi qualitativo e interpretativo, buscando articular conceitos teóricos, dados históricos e resultados de pesquisas empíricas. A análise deu ênfase à compreensão do papel dos reforçadores sociais digitais, aos mecanismos de reforçamento intermitente e às implicações para o bem-estar psicológico e as relações sociais fora do ambiente e dentro do ambiente digital.

Resultados e Discussão

Segundo Almeida (2022) As redes sociais surgiram como promessa de democratização das vozes individuais, mas sua lógica de funcionamento — baseada em programabilidade, popularidade e dataficação — promove tanto oportunidades quanto dependências.
Conforme Twenge (2019), Kross et al.(2013) e Primack et al.(2017) pesquisas mostram a associação entre uso intenso das redes e o aumento de sintomas de ansiedade, depressão e isolamento social. Essa conjunção de tecnologia e comportamento, evidencia tensões entre bem-estar individual e coesão social, já que os ambientes digitais funcionam como sistemas de contingências programadas, utilizando reforçamento intermitente e algoritmos para manter o engajamento (KROSS et al., 2013).
À luz da análise do comportamento, Skinner (1974) argumenta que a liberdade não é ausência de controle, mas a capacidade de planejar contingências favoráveis. Sua contribuição original foi trazer o conceito de liberdade para um campo empírico, propondo que o indivíduo pode alcançar maior autonomia ao reconhecer e organizar as variáveis que controlam seu comportamento.
Historicamente, o uso de computadores até meados dos anos 1950 estava restrito a ambientes corporativos e militares, reforçando a percepção de tecnologia como instrumento de controle (LINS, 2013). Com a popularização dos computadores pessoais na década de 1970 e o surgimento da internet e da web nos anos 1980, emergiu uma nova noção de liberdade digital, reforçada por campanhas como o icônico “Think Different” da Apple (1997), que associaram tecnologia a empoderamento individual e criatividade.
Estudos de neuroimagem demonstram que receber curtidas e comentários ativa o sistema de recompensa do cérebro, liberando dopamina e reforçando o comportamento de engajamento (SHERMAN et al., 2016). Pesquisas longitudinais apontam que o aumento do uso de redes sociais coincide com elevação de indicadores de depressão e autolesão em adolescentes (TWENGE, 2020). Em conjunto, esses achados indicam que a liberdade digital pode se transformar em contingência controladora, criando padrões de dependência e prejudicando o equilíbrio psicológico e social.

Conclusão

A geração de nativos digitais vivencia um paradoxo entre liberdade aparente e controle invisível. A compreensão desse fenômeno à luz da análise do comportamento evidencia que a verdadeira liberdade exige autoconhecimento e planejamento das contingências que governam o comportamento. Conclui-se que a promoção de educação digital crítica, estratégias de autorregulação e reforçadores sociais fora do ambiente online são essenciais para transformar a experiência digital em ferramenta de emancipação e não de dependência.

Referências

ALMEIDA, Ana Clara Falcão de Oliveira. Redes sociais e liberdade: uma análise comportamental dos impactos das plataformas digitais. Ponta Grossa: Atena, 2022.

ARAÚJO, José Arthur dos Santos; SOUSA, Christyelli Keuly Gomes de; COSTA, Livia Silva. Reforçadores sociais e liberdade comportamental: os impactos do uso de redes sociais na saúde mental de jovens. II Mostra Científica de Pesquisa – Psicologia, UNINTA, 2024.

HAIDT, Jonathan. A Geração Ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

KROSS, E. et al. Facebook Use Predicts Declines in Subjective Well-Being in Young Adults. PLoS ONE, v. 8, n. 8, e69841, 2013.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. Cadernos ASLEGIS, n. 48, jan./abr. 2013.

MESHI, D.; TAMIR, D. I.; HEEKEREN, H. R. The Emerging Neuroscience of Social Media. Trends in Cognitive Sciences, v. 19, n. 12, p. 771–782, 2015.

PRIMACK, B. A. et al. Social Media Use and Perceived Social Isolation Among Young Adults in the U.S. American Journal of Preventive Medicine, v. 53, n. 1, p. 1–8, 2017.

SHERMAN, L. E. et al. The Power of the Like in Adolescence: Effects of Peer Influence on Neural and Behavioral Responses to Social Media. Psychological Science, v. 27, n. 7, p. 1027–1035, 2016.

SKINNER, Burrhus Frederic. Além da liberdade e da dignidade. São Paulo: EPU, 1974.

TWENGE, Jean M. Increases in Depression, Self-Harm, and Suicide Among U.S. Adolescents After 2012 and Links to Technology Use. Psychiatric Research and Clinical Practice, v. 2, n. 1, p. 19–25, 2020.